JOGOS COMPETIVOS E COOPERATIVOS

Valdemar W. Setzer
www.ime.usp.br/~vwsetzer

Este ensaio é basicamente o conteúdo de um *e-mail* que enviei em 28/7/26 a *Christian Dunker* comentando um artigo dele publicado no *Jornal da USP* de 22/7/26 com o título "Derrota na Copa expõe impacto emocional do futebol e ensina a lidar com frustrações":

https://jornal.usp.br/atualidades/derrota-na-copa-expoe-impacto-emocional-do-futebol-e-ensina-a-lidar-com-frustracoes/

Compreendo a ideia de que competições são educativas pois ajudam a encarar frustrações sem se envolver emocionalmente. No entanto, gostaria de chamar a atenção para um fato social.

Toda competição tem um vencedor e um perdedor. O vencedor (eventualmente um time) e as pessoas que torcem para ele ficam felizes. O perdedor e seus torcedores ficam pelo menos frustrados, em casos extremos até infelizes.

Assim, o vencedor e seus torcedores ficaram felizes às custas pelo menos da frustração do perdedor e seus torcedores. Isso é absolutamente antissocial.

Em particular, ficar contente às custas de outras pessoas é algo absolutamente anticristão. Por isso nunca entendi como escolas religiosas cristãs fazem competições esportivas.

O correto não é educar para competir, e sim para cooperar. Já existem vários livros com jogos cooperativos.

Isso não significa não fazer prática esportiva. Mas não precisa ser competitiva. Durante muitos anos joguei um tênis cooperativo: eu e o meu companheiro de jogo jamais contávamos pontos. Nosso jogo envolvia muito mais exercício do que se jogássemos *sets* e *games*, pois tentávamos rebater a bola sempre, independente de ela repicar duas vezes na quadra ou cair fora dela. (Deixei de jogar tênis quando percebi que jogo com bola não é para veínho, pois nele a gente vai atrás da bola sem pensar, e veínho precisa ter muita consciência de como pisa e como corre, sob risco de se desconjuntar ou cair e quebrar os frágeis ossos.) Eu sempre sugeria que jogássemos apenas durante uma hora, para não exagerar o exercício; provavelmente se contássemos pontos, quem vencesse iria querer vencer mais, e quem perdesse iria querer voltar a jogar para tentar ganhar. Interessante que ele começou a não

gostar de jogar tênis com outras pessoas, que só pensavam em ganhar e discutir se uma bola caiu dentro ou fora da quadra...

É possível jogar futebol cooperativo: depois de cada gol, misturam-se os times. Assim todos jogam contra a bola, e não um time contra o outro.

Falando em futebol, esse é um esporte muito ruim, violento, com muitas lesões – mas o pior, é levar milhões de pessoas a assistirem os jogos na TV. Seria melhor que jogassem, o que teria pelo menos o benefício do exercício físico. Além disso, o futebol comercial vende e compra seres humanos, como se fossem objetos fabricados! Ele e outros esportes competitivos são baseados em algo que não tem substância e importância humana e social: a habilidade física esportiva.

Hoje em dia, pela ordem decrescente de importância, o que importa do ponto de vista humano são as habilidades sociais, artísticas e intelectuais. Estamos saturados de intelectuais e cientistas, que não estão melhorando a humanidade, pelo contrário, temos cada vez mais problemas de sobrevivência, como disse Ernst Schumacher (de *O negócio é ser pequeno*) em seu livro póstumo *Good work*. Estamos com urgente necessidade de muitas pessoas com sensibilidade social, empatia e compaixão.

Compreendo a ideia de que a sociedade é competitiva, portanto, conclui-se que é importante educar crianças e jovens para competir. No entanto, nesse caso, como em qualquer ação educativa, tem-se que considerar a idade e a maturidade, justamente como é feito com sucesso na Pedagogia Waldorf. Não há nenhuma necessidade de ensinar crianças e adolescentes a competir. O mundo social vai ensinar isso rapidamente quando forem enfrentá-lo, por exemplo no horroroso vestibular. Quem sabe uma educação escolar e familiar sem competição, mas com intensa cooperação, poderia melhorar o relacionamento humano e diminuir as crescentes misérias sociais e individuais.

Competição e a ânsia de vencer que a acompanha produz agressividade e uma atitude de negatividade. Cooperação produz preocupação e sensibilidade para com o próximo e uma atitude de positividade. É muito possível que os efeitos psicológicos negativos da competição ultrapassem de muito os benefícios.

Seria interessante fazer uma pesquisa estatística comparando educação escolar cooperativa com competitiva. Mas talvez não seja possível encontrar grupos de controle sem competições...

Compreendo que essas ideias são revolucionárias demais, e a maneira de pensar conservadora não vai levar a mudanças na mentalidade, que é o que precisamos urgentemente. Mas cumpro minha obrigação mostrando como se poderia contribuir para que a humanidade pudesse parar de piorar.